

Porque e como: Arte na Educação.

Ana Mae Barbosa ¹

O último livro de Elliot Eisner, *The Arts and the creation of mind* (2002), é uma preciosidade, além de conceituações de Arte e de Educação que o tornam muito próximo de John Dewey e Paulo Freire ele estabelece uma taxonomia das visões de Arte/Educação ao longo do século XX. Conceitua Educação como um processo de aprender como inventarmos a nós mesmos. Menos confiante nas nossas invenções do mundo Paulo Freire nos ensinou que a Educação é um processo de vermos a nós mesmos e ao mundo a volta de nós. Enquanto Eisner enfatiza Imaginação Paulo Freire valoriza-a mas sugere diálogos com a Conscientização social.

Para ambos a educação é mediatizada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade (PF), afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se de uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade personalizada pelo processo de gerar significados, pelas leituras pessoais auto-sonorizadas do mundo fenomênico e das paisagens interiores. É aí, na valorização da experiência que os três filósofos ou epistemólogos se encontram, Dewey, Paulo Freire e Eisner. Se para Dewey experiência é conhecimento, para Freire é a consciência da experiência que podemos chamar conhecimento. Já Eisner destaca da experiência do mundo empírico, sua dependência de nosso sistema sensorial biológico, que é a extensão de nosso sistema nervoso ao qual Susanne Langer chama de “órgão da mente”.

Segundo Eisner, refinar os sentidos e alargar a imaginação é o trabalho que a Arte faz para potencializar a COGNIÇÃO. Cognição é o processo pela qual o organismo se torna consciente de seu meio ambiente. Novamente os três gigantes da filosofia da Educação se encontram e nos alertam acerca da importância da arte para nos permitir a tolerância à ambigüidade e a exploração de múltiplos sentidos e significações. Esta dubiedade da Arte a torna valiosa na Educação ;Arte não tem certo e errado, tem o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo.

Arte na Educação se contrapõe as supostas verdades da Educação e às mais suspeitas ainda, certezas da Escola.

São muitas as visões da Arte/Educação as quais dependem da ênfase que se dá às funções da Arte na Educação. Para Eisner as que operam até nossos dias são:

- 1- Auto expressão criadora
- 2- Solução criadora de problemas
- 3- Desenvolvimento cognitivo
- 4- Cultura visual
- 5- Como disciplina
- 6- Potencializadora da performance acadêmica
- 7- Preparação para o trabalho.

A leitura de Eisner, como sempre, me estimulou a pensar em termos de Brasil e de nossa trajetória histórica. Quando Ivone Richter me identificou em um de seus textos com as idéias de Eisner até acreditei, tal meu entusiasmo por cada livro novo dos três grandes teóricos da Arte/Educação: Efland, Parsons e Eisner.

¹ Professora Titular aposentada da USP, atuando no Doutorado em Arte/Educação que implantou na ECA. Foi presidente da International Society of Education through Art (90-93) e Diretora do MAC - USP(87-93). Publicou 16 livros sobre Arte e Arte/Educação. Recebeu o Grande Prêmio de Crítica da APCA, o Prêmio Edwin Ziegfeld nos Estados Unidos (92), o Prêmio Internacional Herbert Read (99), o Achievement Award pela liderança em Arte Educação nos Estados Unidos (2002) e a Ordem Nacional do Mérito Científico (2004). Ensinou em universidades inglesas e americanas. Assinou curadorias de Christo, Barbara Kruger, Oswald de Andrade e Flemming.

Começamos a analisar as mais recentes visões categorizadas por Eisner. Vejamos a idéia de preparação para o trabalho, enfocando a necessidade de flexibilizar o indivíduo para ser capaz de mudar de emprego pelo menos uma vez na vida e estar conseqüentemente preparado para desempenhar mais de uma tarefa. Para mim esta é uma função apontada pela ideologia neo liberal. Encontramos na História do ensino da Arte no Brasil a configuração da visão da arte como preparação para o trabalho no fim do século XIX ancorada nas idéias liberais de Rui Barbosa, André Rebouças, Abílio César Pereira Borges

Mas, com uma conotação libertaria ligada ao anti escravagismo e à aparentemente nobre preocupação de preparar os escravos recém libertos para conseguir empregos. Não deixavam de ser hipócritas como os neo-liberais de hoje, que querem que tudo continue o mesmo: eles ganhando muito dinheiro às custas de manter a maioria na instabilidade empregatícia. Os nossos liberais de antigamente pensaram em preparar os escravos para trabalhos de pintura de gregas e frisas decorativas, ornatos sobrepostos como rosáceas e vitrais assim como em métodos de ampliação de figuras para que trabalhassem na construção civil, portanto assimilando-os nas mais baixas classes sociais.

Quanto à Arte na Educação para melhorar a performance acadêmica, esta concepção ainda não chegou ao Brasil. É típica da Arte/Educação Norte Americana dos últimos dez anos depois que uma pesquisa mostrou que os dez primeiros lugares do exame SAT (equivalente ao ENEM), por uma década, haviam cursado pelo menos duas disciplinas de Arte. No ensino médio no Brasil não há liberdade de escolher as disciplinas para cursar, como nos Estados Unidos. Aqui o currículo parece prescrição médica.

O *Disciplined Based Art Education* que mudou o ensino da Arte nos Estados Unidos na década de 90 também não emplacou no Brasil, apesar dos esforços de uma Fundação privada do Brasil, em nos fazer copiar o DBAE, enviando pessoas para cursar o instituto de preparação para o DBAE mais fraco dos financiados pela Getty Foundation, na região pobre de Chattanooga, numa forçada tentativa de ressaltar nosso suposto subdesenvolvimento.

Na realidade não temos uma Arte/Educação subdesenvolvida mas temos até pensamento próprio. Um amigo da Austrália um dia me perguntou:

— *Como vocês no Brasil escaparam do DBAE enquanto os países da Ásia estão por eles colonizados?* Dialogamos com o pósmodernismo ou ultramodernismo e sistematizamos nosso próprio sistema com a Proposta Triangular, inspirada em múltiplas experiências estudadas em diferentes lugares. (México, Inglaterra, Estados Unidos, principalmente) Híbridizamos falando nossa própria linguagem de necessidades e somos hoje um dos países que junto com Cuba e Chile estão na liderança do ensino da Arte na América Latina com um sistema bem desenvolvido de Arte/Educação. A Colômbia, graças aos esforços dos últimos anos, está prestes a se integrar a este grupo de qualidade.

No Modernismo os lugares de excelência do Ensino da Arte na América Latina eram a Argentina e o México.

Das visões da Arte/Educação que Elliot Eisner nos fala as que dizem respeito à nossa história e aos nossos dias no Brasil são, em ordem cronológica, a expressão criadora, a solução criadora de problemas, a cognição e a cultura visual. Quanto a esta última há uma certa diferença do caso americano.

Eisner dá a entender que foi a decisão de ampliar a análise visual circunscrita à Arte para outros universos visuais como a publicidade, o cinema, o vídeo-clip que fez surgir nos Estados Unidos a preocupação com a multiculturalidade.

No Brasil o movimento foi inverso. Ao sairmos de uma ditadura de 20 anos, o processo de redemocratização, nos anos oitenta, trouxe em seu bojo a preocupação plural com a multiculturalidade. Durante a ditadura os únicos suspiros democráticos no Ensino da Arte foram os Festivais, especialmente os de Ouro Preto nos quais professores, alunos, artesãos locais e povo em geral podiam intercambiar. Através dos Festivais os universitários de Arte tinham contato com o povo. Quando este intercâmbio pode chegar mais abertamente à Universidade se configurou como a

necessidade de respeito à produção de todas as classes sociais Foi o multiculturalismo baseado na diferença de classes sociais que primeiro eclodiu no Brasil, o revigoramento das idéias de Paulo Freire que voltou ao Brasil em 1980 com uma recepção popular nunca vista para um educador e finalmente o início do Pós Modernismo da Arte/Educação no Festival de Inverno de Campos de Jordão em 1983, consolidaram o valor do reconhecimento das diferenças que depois orientou a política multicultural do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (de 1987 a 1993). Este esforço multicultural trazia a necessidade de ver criticamente as “mídias” especialmente a publicidade e a programação da rede Globo que fora durante a ditadura e pelo menos até 2002 mais poderosa que o Ministério de Educação. No próprio Festival de Campos do Jordão teve lugar o primeiro curso de análise de Televisão oferecido a arte/educadores.

Só nos anos 90 começamos a usar a expressão Cultura Visual (TV, internet, softwares interativos, etc) para falar das “mídias” que modelam nossa mente, nos ensinam sobre Arte e comandam a nossa Educação. A expressão entrou no vocabulário dos Arte Educadores graças ao curso que deu Kerry Freedman em São Paulo no SESC –Vila Mariana em 1998 e à publicação do livro de Fernando Hernandez. Entretanto a Cultura Visual achou o caminho preparado por livros como A imagem no Ensino da Arte (1991), Metodologia do Ensino da Arte (93)e outro bem anterior, Teoria e Prática da Educação Artística (1975) que já mostrava experiências na Escolinha de Arte de São Paulo com a análise de Imagens da TV.

Mas voltemos ao início, a idéia da arte na escola como expressão criadora difusa data do início do modernismo, tendo como patronos Franz Cizek, artista do Movimento de Secessão de Viena, Viktor Lowenfeld e Herbert Read que para teorizar sobre Arte/Educação recorreram, o primeiro à Freud e o segundo à Jung tendo como base filosófica comum Martim Buber. Portanto as primeiras sistematizações teóricas na Arte/Educação foram de origem psicanalítica e psicológica. Embora nenhum destes autores houvesse prescrito, a análise visual inerente ao desenho de observação da natureza era a única forma de estímulo à expressão aceitável.

Como diz Eisner, a idéia do Ensino da Arte como solução criadora de problemas esteve influenciada pela Bauhaus (1919-1932-Weimar-Dessau). A função do ensino da Arte era produzir soluções para a vida e para o Designer tecnicamente eficientes, esteticamente prazerosas e socialmente relevantes. A idéia era desafiar expectativas tradicionais quando a forma melhor de resolver problema fosse encontrada (caso objeto de argila). Na Escolinha de Arte de São Paulo trabalhamos não só no desenho de observação de objetos e roupas de bom desenho, visitando lojas da moda mas ensaiamos construção de capas de discos e livros e objetos de madeira.

Atualmente, a abordagem mais contemporânea de Arte/Educação na qual estamos mergulhados no Brasil é a associada ao desenvolvimento cognitivo.

Embora Eisner afirme que a visão de Arte/Educação mais fortemente implantada no imaginário popular é a ligada a expressão criadora difusa interpretada como algo emocional e não mental, como atividade concreta e não abstrata, como trabalho das mãos e não da cabeça o movimento de Arte/Educação como cognição se impõe no Brasil. Através dele se afirma a eficiência da Arte para desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipótese e decifrar metáforas.

Rudolf Arnheim, foi um dos expoentes da idéia de Arte para o desenvolvimento da Cognição. Sua concepção se baseia na equivalência configuracional entre percepção e cognição. Para ele perceber é conhecer. Eisner aponta Ulric Neisser e Nelson Goodman como colaboradores desta visão. Arrisco a afirmar que o Projeto ZERO que Goodman iniciou e financiou pessoalmente foi a maior fonte de pesquisas sobre a Cognição em Arte e a Cognição através da Arte. O livro *Arts and Cognition* editado pelo Projeto Zero em 1976 foi um forte argumento cognitivo.

Evidenciou que Arte depende de julgamento mas obriga a poucas regras que precisam ser conhecidas antes de se ousar desafiá-las.

Estas regras são para Arnheim a gramática visual subjacente à todas as operações envolvidas na cognição como recepção, estocagem e processamento de informação, percepção sensorial, memória, pensamento, aprendizagem, etc. Acusado de formalista nos inícios dos anos oitenta, na

efervescência do Pós Modernismo, Arnheim entretanto vem sendo recuperado pelos cognitivistas pois sua gramatical visual não se comprazia apenas na forma mas derivava de uma negociação contextual mental e se dirigia ao contexto perceptual.

A principio se trabalhava a percepção desta gramática visual só como a percepção do mundo fenomenico. A partir dos anos 80, precisamente a partir de 1983 (Festival de Inverno de Campos do Jordão) integrou-se a imagem da Arte e de outras “mídias” ao esforço cognitivo de apreender a imagem. Hoje vem se chamando de Cultura Visual esta zona de interesses pela imagem comum ao Arte/Educador e ao Comunicador

Muito lucrariam os dois Grupos, os Arte/Educadores e os Educomunicadores se trabalhassem e pesquisassem em conjunto.

Referências bibliográficas

- AGIRRE, Imanol. *Teorías y Prácticas en Educación Artística*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra,2000
- BARBOSA , Ana Mae. *Teoria e prática da Educação Artística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975
- DEWEY, John. *Art as experience*.New York: Perigee Books , 1980 (1ª edição 1934)
- EISNER, Elliot. *The Arts and the creation of mind*. New Haven: Yale University Press , 2002.
- PERKINS, David and LEONDAR, Barbara. *The Arts and the Cognition*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press , 1977
- Räsänen,Marjo. *Building Bridges*. Helsinki: University of Art and Design, 1998